

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 652

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

FELIZ ACHADO

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O cãozinho que o Chico encontrára, todo sujo, arrastando uma pata ferida tinha um ar de boa raça.

Na rica coleira que trazia ao pescoço, lia-se *Toc-Toc, Vila das Rosas — Bemfica.*

Radiante com o achado, o peque-

no levou-o para casa.

tratou-lhe da patinha, limpou-o da lama e deitou-o na sua cama, onde dormiram juntos toda a noite.

No dia seguinte, amarrou uma corda à coleira do cão e foi mostrá-lo à sua amiga Margarida, uma pequena pobrinha que morava com a mãe ali na rua.

Estava nos ares por que ela visse o *Toc-Toc*. Encontrou-a sôzinha em casa, lavada em lágrimas e nada disposta a admirar as graças do cãozinho.

— «O que tens? Onde está a tua mãe?» — perguntou-lhe o Chico, muito impressionado, ao vê-la tão desgostosa.

— «A mãe foi entregar trabalho, —

respondeu ela. — Agora já não está doente, pode trabalhar, mas não é o pouco que ela ganha que nos pode valer!»

— «Mas o que aconteceu?»

Os soluços da pequena redobraram.

— «É o senhorio que, se não lhe pagamos depois de amanhã os cinquenta escudos que devemos, nos põe na rua.»

— «Cinquenta escudos!... Se eu os tivesse!... — suspirou o Chico, quasi a chorar. — Talvez o tio... mas, naturalmente, também não os pode em prestar!»

E o rapaz correu a fazer-lhe o pedido mas, como previa, a resposta foi negativa.

Muito triste, voltou para casa da sua amiguinha e, para a distrair, contou-lhe a história do *Toc-Toc*.

Então, a pequena exclamou, admirada: — «Mas tu não vais ficar com êle?!»

— «Porque não?!»

— «Se não é teu!»

— «Estava perdido e fui eu que o encontrei.»

(Continua na página 5)



Sempre fora o seu sonho possuir um cão! Não lhe importava que fosse bonito ou feio, contanto que fosse seu amigo.

Os tios, com quem vivia, eram donos duma tabernoca e, com os restos da comida, podiam bem sustentar o animal.

Assim pensava, enquanto o cão lhe lambia as mãos, como que a agradecer ver-se tão acarinhado.

Quando chegou a casa, os tios, muito ocupados a fazer contas, deram pouca atenção ao animal.

O Chico dividiu as sôpas com êle,



S. JOÃO

POR
ALBERTO NEVES

A noite
Suavemente descia;
No jardim, fitando o Céu,
A Juliana sorria...

Depois,
Lesta, apressada, ligeira,
Levando ao colo a boneca,



Ela saltava a fogueira
Com o Mário e com o Zéca.

Sem bulício,
Sorrindo serenamente,
Queimava, alegre e contente,
Lindo fogo de artifício.

De súbito,
Ante aquela brincadeira,
A Juliana lembrou-se
Das filhinhas da porteira.
E, sem dizer nada ao Zéca,
Nem ao Mário,
Rapidamente,
A Juliana saiu,
Contente, foi convidar
As filhinhas da porteira,
Para com elas brincar!

... Ei-las já no seu jardim:
A Teodora,
A Laurinda, a Juliana;
E êles: o Zéca e o Mário;
E agora
Julianita sorri
Mais contente,
Por ver
Aqueles pobres meninas,
Risonhas e satisfeitas,
Por se encontrarem, assim,



Em tão formoso jardim,
Brincando
Com ela e com os meninos!...

— A sorrir,
A mamã da Juliana
Chá e bolos foi servir...

... Entretanto,
A madrugada rompia...
— Findará o dia
De São João!
E a Juliana,
No seu leito adormecia,
Depois de já ter rezado,
Com devoção,
Uma oração!

CANÇÃO DO «PIM-PAM-PUM»

Por JORGE DA CRUZ VALENTE

Para ser entoada ao som do música da «Maria Papoila»...

I
Quando chega o «Pim-Pam-Pum»
Que alegria!
Traz contos tão engraçados!

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»
Tem história bem bonitas,
Oh Maria!
Bonecos bem desenhados!

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»

II

Quando chega a quinta-feira,
anda tudo em poeira,
para ler êsse jornal.

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»
Pois se êle é bom amigo

é também o mais antigo
dêste nosso Portugal!

Estribilho

Lá vem
o amigo,
o tão conhecido
jornal «Pim-Pam-Pum!»
Que lindo
que vem!
pois êle entretém,
todos, um por um.

Traz charadas, adivinhas,
construções,
poesias pequeninas,

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»
Traz, também, histórias de ursos,
de leões,
e cantinhos p'ras meninas!

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»

IV

Tem concursos interessantes,
Contos de galos galantes
e tem palavras cruzadas!

(Côro)

«Pim-Pam-Pum!»
P'ra divertir os rapazes
tem, também, curiosidades,
tudo coisas engraçadas!

Estribilho

Lá vem
o amigo,
o tão conhecido
jornal, Pim-Pam-Pum!»
Que lindo
que vem!
pois êle entretém
todos, um por um.

bis



A LENDA dos CRISÂNTEMOS

Por MANUEL PARREIRA

HA muitos anos, muitos, lá longe, no Japão, caía a neve. Que inverno tão agrêste era aquêle, em que tudo estava gelado.

A floresta, que se estendia até grande distância, estava tôda coberta por um tecido divinalmente branco. A própria água não era mais do que uma crosta nívea.

Numa clareira da floresta, vivia um lenhador, esquecido de todos. Cristão e bom como nenhum outro, todo o mendigo ou viandante, que calcurriasse o bosque, encontrava, naquela casinha de bambús, alimento e pousada.

Naquêle rigoroso inverno, uivavam lóbos e os ursos saíam dos seus fojos, à procura de algum viandante, onde cravassem a dentuça. Era noite e, em farrapos puríssimos, a neve atapetava, sem cessar, o bosque.

Altas horas, os uivos eram cada vez mais sinistros. O lenhador acordou e pareceu ouvir o chôro aflitivo de uma criança. Apurando melhor os ouvidos, certificou-se. Vestiu o seu fato de peles, agarrou no pau ferrado, e, sem se importar com a possível aparição das feras, dirigiu-se para onde partia o chôro.

Cada vez a floresta era mais densa. Nisto, um urso atravessou-se no caminho, mas foi prostrado, imediatamente, por um golpe vibrado pelo lenhador. Chegado perto duma moita de ar-

bustos, viu um menino dos seus oito anos, de olhos verdes, muito lindo, os cabelos louros, caindo, com donaíre,



sôbre os ombros. Vestia uma túnica azul-celeste.

Rodeavam-no dois lóbos, ocultos na

neve, os quais, ao verem o lenhador, se atiraram a êle. Porém, o menino susteve-os com um gesto e as feras fugiram para a floresta e, já sorridente, o menino dirigiu-se ao lenhador:

— «Sois dêstes lados?»

— «Sou. Mas porque vos encontrais aqui, sózinho?»

— «Perdi-me. Sou de muito longe, do lado de lá do bosque...»

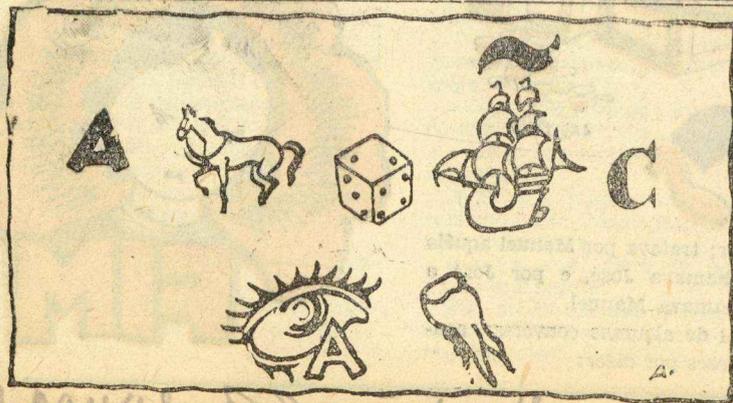
Pelo caminho, outras feras surgiram. Antes que o lenhador as atacasse, fugiam.

O bom homem ia intrigadíssimo com o caso. Ao chegar à cabana, deu ao menino um pedaço de pão de arroz e um naco de carne de urso, passada pelas brazas. Ofereceu ao menino a sua cama e deitou-se numa enxérga de fôlhas, que destinava aos viandantes.

O menino, porém, não dormia, e, quando o lenhador já ressonava, sentou-se na cama e abençoou-o. Depois, desapareceu, deixando, atrás de si, um rasto de luz.

Quando, de manhã, o lenhador saíu de casa, ficou assombrado. A neve tinha desaparecido e, entre o arvoredo, estendiam-se umas flores brancas, róseas e amarelas, que passaram a chamar-se *crisântemos*.

Escusado será dizer que êsse Menino lindo, que abençoara o lenhador e fizera tão suave milagre, era o dulcíssimo Jesus, que assim recompensou a bondade daquele homem.



Enigma pitoresco

Vejam os meninos se são capazes de descobrir que ditado está representado por êste desenho:

PANCRÁCIO DISTRAÍDO

por AGOSTINHO DOMINGUES

PANCRÁCIO era considerado na sua terra, um bom homem, incapaz de fazer mal a uma môca, mas muito distraído. Os vizinhos costumavam tratá-lo, na ausência, por filósofo, certamente por não ter modo de vida definido, ser celibatário

ao lume, para cozer couves. No momento em que ia meter-lhe a hortaliça, despejou na panela a água em que a lavára, e deitou as couves fóra. Só quando ia para comer, deu pelo engano.

Num outro dia, indo pôr lenha no lume, lembrou-se de ver as horas. Tirou o relógio do bôlso, e atirou-o ao fogo.

Aconteceu, muitas vezes, cozinhar as cascas das batatas e deitar estas fóra; beber água e atirar o copo com o resto para o balde; pôr a mēsa num sítio e comer noutro; varrer a casa, e deixar o lixo no meio do corredor; lavar a louça por fóra e deixá-la suja por dentro; limpar as mãos à toalha e lavá-las depois; beber água quando tinha fome e comer quando tinha sēde, etc.

Não raro acontecia, também, fechar, muito bem fechadas, as janelas da sua casa e sair com a chave da porta, no bôlso, deixando-a aberta.

Estas coisas sabiam-se porque as vizinhas, por cuja presença êle nem dava, o espreitavam muitas vezes, algumas, até, para velárem pelos seus interesses e pela sua saúde.

Na rua, o nosso bom Pancrácio, ao saudar as pessoas pelas quais passava, dava-lhes as boas noites de dia e os bons dias de noite; cumprimentava aquêles de quem estava a despedir-se, e despedia-se daquêles a quem ia come-

— «Ai, desculpe, que isto não é consigo! Julgava estar a falar com fulano...»

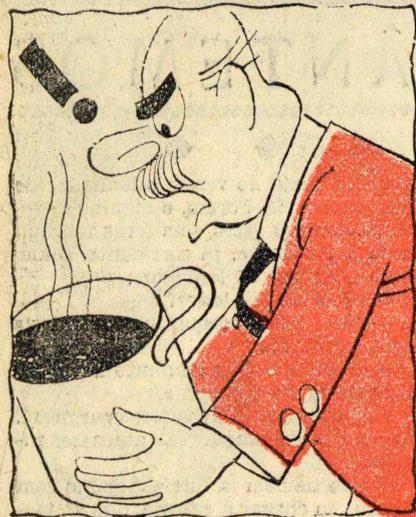
Estes equívocos repetiam-se nas suas relações por correspondência.

Tratava de negócios em vias de conclusão, com pessoas que os ignoravam completamente; dirigia a uns as cartas que eram para outros.

Estas distrações deram-lhe não poucos dissabores, porque nem tôda a gente o conhecia bastante para o desculpar.

Um dia, recebeu a seguinte carta:

«Sr. Pancrácio: Nunca admiti que alguém fizesse pouco de mim, e acho de muito mau gôsto o gracejo da sua carta. Se eu tivesse porcos gordos, seriam para mim e para minha família, não eram para o seu dente. Mas deixe



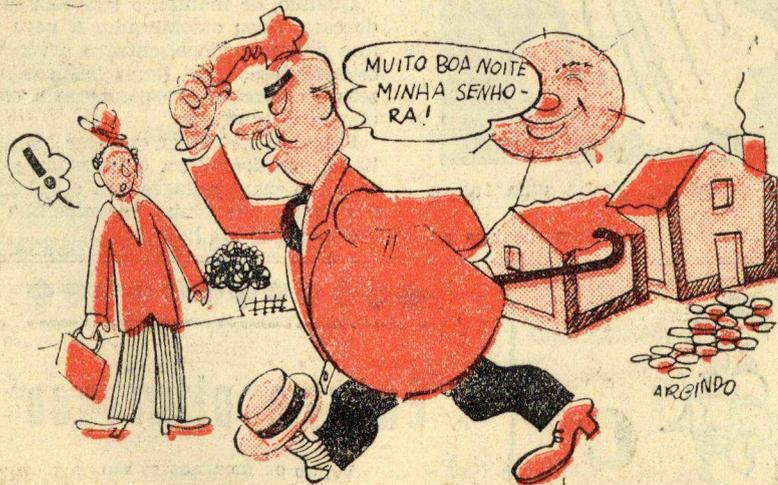
abstracto ou — como êles diziam — com a cabeça na lua.

As suas distrações eram já bem conhecidas de todos e contadas, entre gargalhadas inofensivas, nas reuniões dos vizinhos.

Como Pancrácio não possuía rendimentos bastantes para pagar a quem

estar que talvez a graça ainda lhe saia cara. Não perde pela demora...»

Sabem o que êle queria dēste homem, que era alfaiate? Que lhe dissesse por quanto lhe faria um fato. Mais uma vez, porém, houvera troca de sobrescritos, ao fechar as cartas, de maneira que a do negócio de suínos, fóra para o alfaiate, e a dēste para um lavrador que vendia porcos gordos. Mas o mais curioso é que êste, ao contrário do primeiro, riu-se com o caso... porque além de lavrador, era albardeiro



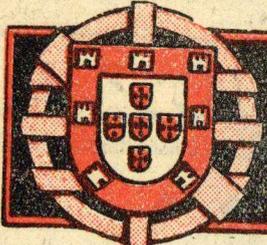
tratasse dēle e da sua casa, tinha de fazer todos os serviços domésticos.

Era nisso que se revelava mais a sua distração.

Um dia, tinha uma panela a ferver

çar a falar; tratava por Manuel aquêles que se chamava José, e por José o que se chamava Manuel.

No final de algumas conversas, acabava às vezes por dizer:



COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS de LISBOA — (PEIXEIROS) —



Barretes negros com orla vermelhinha em tôda a volta, e na pontinha uma borla graciosa e desenvolta.

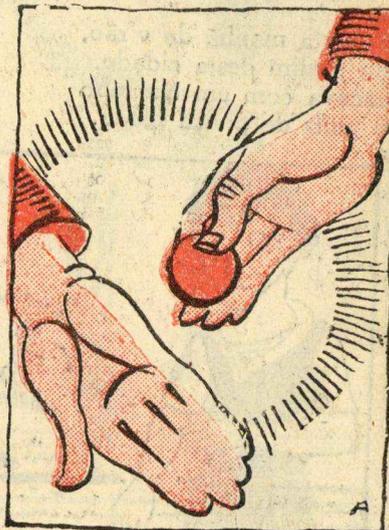
Camisolas de riscado, calças à boca de sino, faixa rubra, bom calçado... Eis o tipo do varino!

Saia azul, verde, encarnada, chapelinho à lavradeira, chinelinha envernizada... Eis o tipo da peixeira!

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Caridade, ó juventude,
E' do bem, no céu radioso,
A mais sublime virt...
Astro mais esplendor...!

Bebereis o seu clarão,
Porque a todos os instantes
Comungueis, com devoç...
As dores dos semelh...!

FELIZ ACHADO — (Continuado da página 1)

— «Não faças isso! A morada da dona está aí na coleira... Deves ir entregá-lo. És um ladrão se ficares com êle! Naturalmente, vale bom dinheiro!»

Um ladrão!!! Como é que coisa tal é não lhe tinha passado pela cabeça! Estava tão contente, por ter um cão, que nem sequer reflectira no caso!

Muito vexado, — pois era um rapazinho cheio de boas intenções e só a levandade o fizera proceder mal, — o Chico gaguejou:

— «Achas, então, que devo ir...»

— «A Vila das Rosas? Com certeza que sim, e o mais depressa possível.»

Tornar a dar o Toc-Toc!

O Chico sentia o coração oprimido...

Gostava já tanto dêle!

Mas o que era o seu desgosto comparado com o da Margarida?

Cumpriria o seu dever.

E, cheio de coragem, pôs-se a caminho.

Encontrou a dona do Toc-Toc muito ralada; julgava já que lhe tinham roubado o seu cão!

Quando viu o Chico com o animal, ficou radiante e nem sequer reparou no ar triste do garoto.

— «Podiam ao menos agradecer-me!» pensava o pequeno consigo muito desconsolado.

Este movimento fez com que a senhora se voltasse e logo dissesse: — «Espera aí que ainda não te recompensei!»

— «De que recompensa fala a senhora?»

— «Não viste nos jornais que eu dava cem escudos, a quem me entregasse o Toc-Toc?»

— «Eu não vi nada! Foi pela coleira do cão que me guiei.»

— «Não sabias, então, que apanhavas alviçarás?»

E eu que julgava que me tinham roubado o Toc-Toc só para me apanharem dinheiro!»

Com a voz cheia de lágrimas, o Chico murmurou:

«O' minha senhora, nunca pensei nada disso! Eu até queria o cão para mim! Gostava tanto dêle!...»

Depois, simplesmente, confessou a intenção com que o guardara e como tinha mudado de idéa, graças aos bons conselhos da sua amiga Margarida.

A senhora escutava-o com interesse.

Quando êle terminou, disse: — «E's um bom rapazinho! Se eu não gostasse tanto do meu cão, dava-to. Mas custa-me muito separar-me dêle! Como me agradas, em lugar de cem, dou-te cento e cinquenta escudos.»

Cento e cinquenta!...

O Chico mal queria crer em tamanha sorte!

Assim que se apanhou com o dinheiro, pensou logo que podia valer à sua amiguinha e saltou de contente!

Agradeceu muito à senhora, abraçou o Toc-Toc e desapareceu, correndo.

Não se pode descrever a alegria da Margarida e da mãe, quando o Chico lhes entregou os cinquenta escudos que elas deviam.

Os tios do rapaz, que eram boas

(Continua na página 8)

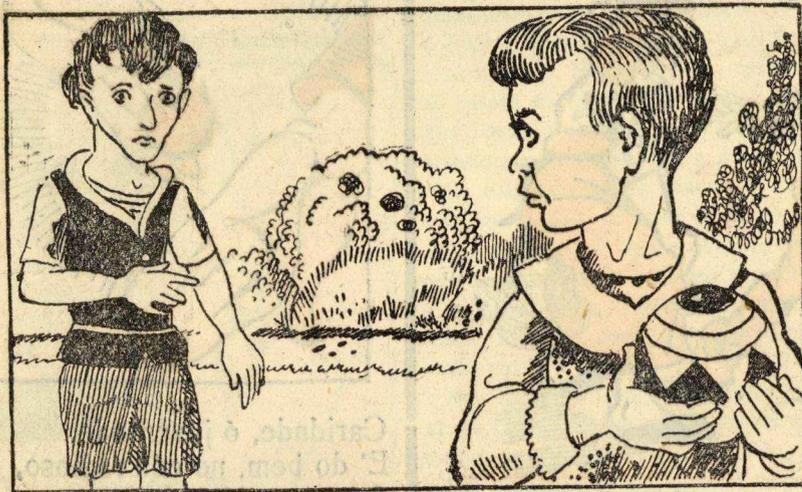
A MAIOR RIQUEZA

Por JORGE DA CRUZ VALENTE

Em certa manhã de v'rao, num jardim desta cidade, brincava com um carrinho um petiz de pouca idade.

Vestia com grande luxo e era soberbo ao brincar mas já não tinha mãezinha, porque a Morte a quis levar.

Um dia, enquanto brincava, um garoto pòbrezinho dirige-se a êste e diz-lhe:
— «Emprestas-me o teu carrinho?»



Tal ouvindo, o orgulhoso vira-se e diz com desdém:
— «Eu?! Emprestar o meu carro a um rapaz sem vintém?!»

Se fôsses rico como eu, com tôda a satisfação... Mas a um rapaz como tu?!... Vai-te daqui, pobretão!

Então, o pequeno pobre, responde, de olhos no chão:
— «Sou mais rico do que tu, pois tenho Mãe e tu não!»

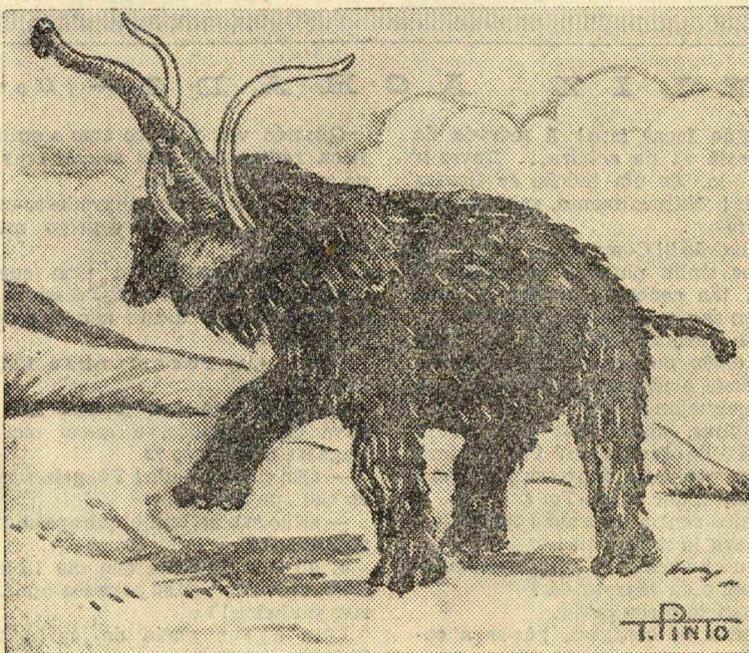
ANIMAIS PRE-HISTORICOS — ANTI-DILUVIANOS

O M A M O U T H

O bicharoco de que lhes vou falar hoje, é o famoso Mamouth, antepassado do elefante, com o qual tinha, aliás, grandes parecências. Diferenciava-se, todavia, destes, pela sua estatura avantajada e em ter as presas multíssimo desenvolvidas, voltadas para cima.

Tinha, também, êste medonho «cavalheiro» uma «fatiota» de pêlos compridos, coisa quasi fóra de moda nos elefantes de hoje.

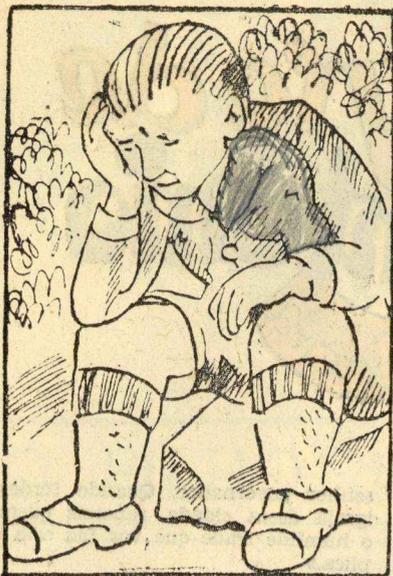
Pois êste monstro, tudo o leva a crêr, era herbívoro e viveu há pouco tempo, relativamente, é claro, pois há cerca de cinqüenta mil anos atrás, ainda pululavam pelo globo terrestre, sendo um bicho sobre o qual os sábios podem falar com segurança, porque se tem encontrado, perto dos polos e enterrados nos gelos, não somente ossadas inteiras, como também, coisa interessante, os próprios mamouths perfeitamente conservados, pa-



recendo terem morrido há pouco tempo. O gelo, como sabeis, é um conservador esplêndido. E pronto!

Nada mais vos digo sobre êste monstro horrível, senão que êle, salvo seja, parecia o diabo. Não vos parece?

A DIVINHA A UMA GIRAFA BRINQUEDO



Meus meninos.

Este rapaziño, que estão vendo, está muito triste porque perdeu o seu cão. Vejam se o encontram.

Eis uma girafa bem reinadia, não acham leitorzinhos?

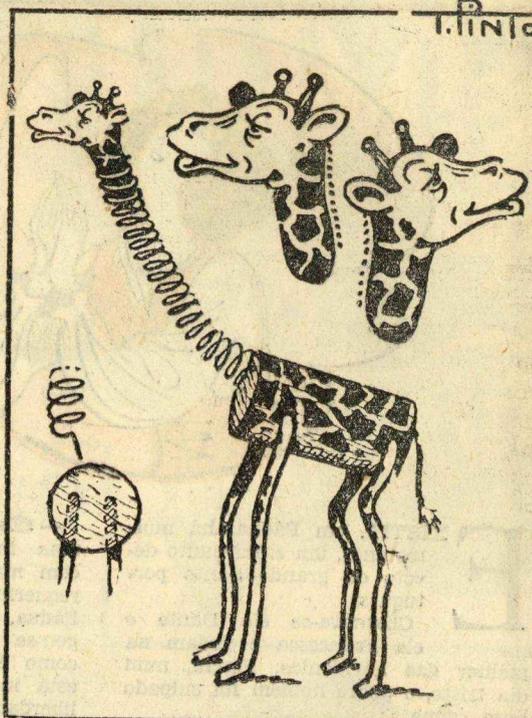
Pois fiquem sabendo que se fôr construída e posta sobre uma mesa, ficará, podem crer, muito mais engraçada do que esta.

E é tão fácil de fazer... Senão vejam: As duas cabeças, que se vêem no desenho, colocam-se em cartolina e depois cola-se uma na tra; em seguida enfia-se numa espiral de arame feita em volta dum lápis, e esta, por seu turno, é espetada numa rôlha que deverá ser pintada, a imitar as manchas do bicho. Uns arames espetados lhe servirão de patas e uma pequena linha de cauda.

E pronto!

Agora, vêde como ela, com o mais paqueno estremeçimento da mês, mexerá a cabeça, fazendo movimentos exagerados mas muito cómicos.

Ora experimentem.



U M A S E C R E T A R I A

Tendes aquí, amiguinhos, uma secretária muito prática e de fácil execução, que podereis aproveitar para a vossa casinha de campo ou mesmo da cidade, à falta doutra.

O seu material é simples: — apenas dois caixotes, uma tábua e pregos.

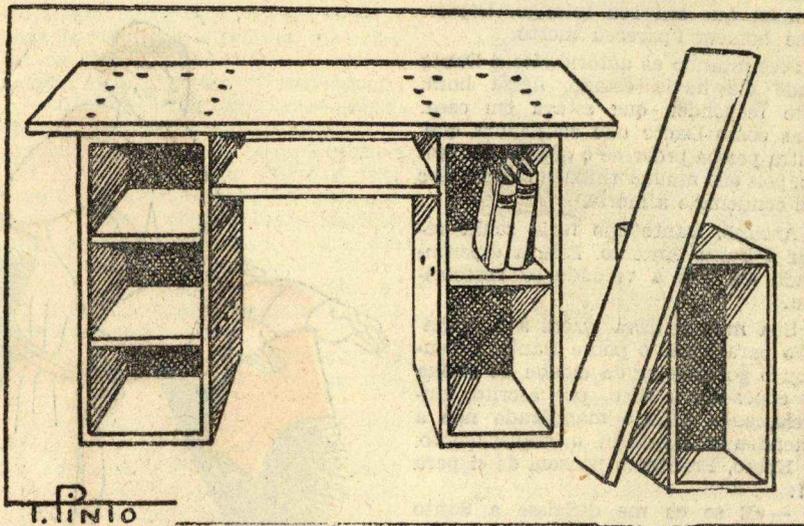
Os caixotes, que pedireis ao vosso merceiro, devem ter a altura apropriada, ou sejam uns 80 cm., e a tábua, um metro de comprimento.

Principiem por aplinar estes objectos, após o que começarão a armá-la, guiando-vos pela gravura.

Podem pôr-lhe, também, umas prateleirinhas, como lá se vêem.

Depois, com a tinta castanha, usada no soalho, pinta-se, e põe-se-lhe cera, ficando, assim, muito mais agradável à vista.

Vamos, então, a ver, quais são os amiguinhos que têm habilidade para carpintejar.



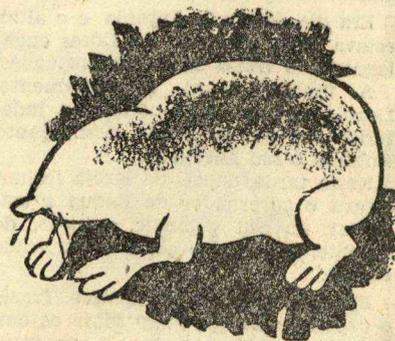
cado duma estranha paralisia das glândulas sudoríferas da face. Com efeito, o homenzinho não transpira senão de um lado da cara.

O fenómeno tem dado água pela barba aos senhores médicos que estudam, com afinco, o caso do senhor Wiliam.

OS OLHOS DAS TOUPEIRAS

Há muitas pessoas, e entre elas o fabulista francês, senhor Florian, a acreditar que as toupeiras são bichos cegos.

Pois não são, não senhor! Antes pelo contrário, têm excelente vista; sòmente os seus olhos são pequeníssimos e invisíveis à primeira vista, por



estarem escondidos sob os pêlos de que os seus focinhos são revestidos.

Para os descobriremos, basta soprar sobre estes pêlos.

UM FENÓMENO

Um americano, o senhor William Shermann de New Albaux, foi ata-



Milagre de S.º António

por Manuel Ferreira



EXISTIA, em Pádua, há muitos anos, um casal muito devoto do grande Santo português. Chamava-se êle Dante e ela Francesca e viviam na melhor das harmonias. Porém, num dia triste, o pobre homem foi culpado dum crime.

Tódos as provas eram contra êle. Dante fôra visto a discutir com um homem que era seu inimigo. Depois, êsse homem appareceu morto.

Preguntando as autoridades a Dante onde êle havia estado, nessa hora, êste respondeu que estava em casa. Mas como Dante não conseguira que outra pessoa provasse o que êle afirmava, pois sua mulher tinha saído, o pobre foi condenado à morte.

Ansioso, Dante não fazia senão rezar a Santo António. Estava esperando em que a verdade se descobri-ria.

Sua mulher dava tratos à imaginação para livrar o pobre Dante. Procurou o governador da cidade de Pádua e expôs-lhe o caso por escrito, singelamente. Mas o magistrado não a atendeu e indeferiu o requerimento. Então, Francesca pensou, de si para si:

—«E se eu me dirigisse a Santo António? Talvez êle salvasse o meu marido...»

Era dia de Santo António e o altar estava cheio de luzes. As flôres engalanavam o trono do Santo português.

A mulher rezou, fervorosamente. Depois, colocou o requerimento indeferido aos pés do Santo. Seria Santo António o seu advogado.

Nessa tarde, depois da igreja fechar, estava o governador de Pádua a trabalhar no seu gabinete, quando, de repente, a porta se abriu e um frade entrou.

Era um rapaz alto, simpático. Trazia o capuz do hábito caído sobre os ombros e a cabeça rapada, ao uso franciscano. Da cintura, pendia-lhe um grande escapulário.

O governador indignou-se pelo facto de aquêlê visitante entrar, sem prévia licença. E iria, talvez, expulsá-lo, quando o frade falou com a sua mais doce voz:

—«Estava hoje na igreja, quando uma mulherzinha, chorosa, rezando com muita fé, pôs a meus pés êste requerimento. O senhor governador de Pádua, iludido pelas aparências, negou-se a salvar uma vida. Mas eu, como lhe certifico que êste homem está inocente, digo-lhe que assine a liberdade do pobre Dante.»

A maneira do frade se expressar e a forma como expôs o assunto, intri-

senhor governador. Quando fôrdes à igreja desta cidade, sabereis quem é o humilde frade que vos faz esta súplica.»

Trémulo, o magistrado deferiu, desta vez, o requerimento. Então, o frade saiu do gabinete, levando o papel.

O governador seguiu-o mas assim que o visitante transpôs a porta, nunca mais o viu.

No dia seguinte, quando Francesca foi, novamente, pedir pelo marido a Santo António, viu aos pés da imagem o requerimento assinado pelo governador.

Louca de alegria, depois de agradecer ao Santo tão grande milagre, foi, correndo, mostrar ao carcereiro a ordem de libertação do pobre Dante. O homem não acreditou e, acompanhado por Francesca, levou o precioso papelinho ao governador.

Este, então, contou o que se havia passado e quando, daí a pouco, foi à igreja de Pádua, reconheceu, pela imagem do Santo, o frade que o havia procurado.

Assim fôra.

Santo António quis recompensar tão grande fé. Tinha sido êle quem pedira ao governador a libertação do pobre homem.



FELIZ ACHADO

(Continuação da página 5)

peçoas, também ficaram muito contentes com a acção generosa do sobrinho.

Provaram-no, arranjando-lhe um outro cãozinho que se ficou chamando também Toc-Toc, e puseram-lhe o resto do dinheiro a render.

garam o governador. Especialmente aquela frase «pôs a meus pés êste requerimento» deu-lhe que pensar.

Ergueu-se e perguntou:

—«Mas quem sois, que entraís aqui sem ninguém vos embarçar e tendes tal poder em Pádua ao ponto de vos entregarem pedidos destes?»

O frade sorriu-se e disse:

—«Não sou nada neste mundo,

fim